

Percursos da Clínica

NAHMAN ARMONY

Ao lançar um olhar abrangente sobre as mudanças na prática psicanalítica, tomando como referência as potencialidades de expansão da teoria e da técnica freudiana já realizadas pelos analistas da atualidade, e especialmente impregnado pela realidade do Rio de Janeiro e do Brasil, percebo dois grandes eixos através dos quais a psicanálise se desloca: um eixo lacaniano e um não-lacaniano. Eu mesmo me surpreendo com esta formulação, onde um único nome ao ser colocado em destaque dilui as ricas e complexas contribuições diferenciadas de autores como Winnicott, Sullivan, Kohut, M.Klein, Searles, Bion, Bleger, Balint, Racker, Green e muitos outros, das quais a psicanálise já não pode prescindir. Não é, portanto, uma situação com a qual eu concorde, mas acossado, à minha revelia, por uma realidade carioca, quicada brasileira, produtora de mesas de debates compostas por um expositor de orientação lacaniana e outro (perdoem-me a generalização) não-lacaniana, acabei aceitando-a. Não se trata porém de um aceite passivo, já que ela é empobrecedora; na medida de minhas reduzidas possibilidades tentarei dar o meu mínimo empurrão no determinismo histórico (se é que a história seja assim tão determinante) e sem dúvida este trabalho se insere nesta linha. De qualquer forma este episódio serviu para chamar a minha atenção para um fato muito curioso e que deve ter o seu significado: a escola lacaniana apresenta características que a colocam em confronto com as demais escolas. Exercendo, a título de humor, a capacidade de livre fabulação associativa arruma-se na minha mente uma piada: num balé, o passo destoante de um filho bailarino faz com que a mãe-coruja se vanglorie ser dele o único passo certo.

Evidentemente não ignoro que dificilmente um psicanalista da atualidade deixará de sofrer a influência direta ou indireta, afirmativa ou negativa do pensamento lacaniano tão forte é a sua presença política e teórica; porém, excluindo, por medida de prudência, uma zona sombreada, podemos demarcar, para fins metodológicos, um espaço sim e outro não lacaniano.

Como sinalizador mais representativo da diferença entre estes dois campos escolhi os modos de conhecimento utilizados na sessão analítica que por sua vez geram formas de relacionamento e intervenção psicanalíticas diversas. Uma corrente admite a existência e importância no interior da sessão psicanalítica de uma comunicação de inconsciente a inconsciente, de um conhecimento afetivo, de uma relação empática, de identificação, de "feeling"; são formas de conhecimento, comunicação e relação usadas terapêuticamente e teorizadas pelos autores não-lacanianos. Já a corrente lacaniana descarta senão a possibilidade, pelo menos a importância deste tipo de conhecimento, afirmando que esta forma de psicanálise não pertence ao legado de Freud.

Freud foi um grande pensador e como tal possui uma polivalência criativa indutora de múltiplas leituras. Sem dúvida nenhuma, nosso mestre comum indicou um caminho de conhecimento operativo que ultrapassa o simbólico. Enquanto Lacan afirma que *"...não há outras, nem terceira orelha, nem quarta, para uma transaudição que se quereria direta do inconsciente pelo inconsciente"* ("Função de campo da fala e da linguagem em psicanálise" in *Escritos*, Ed.Perspectiva, S.Paulo, 1978, pag.118), Freud nos diz que o psicanalista *"...deve voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente"*. ("Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise", vol.12, pag.154). Uma colocação ainda mais ousada nós a encontramos formulada alguns anos após: em um de seus artigos sobre telepatia e psicanálise Freud diz que precisamos estar preparados *"...para presumir que o conhecimento foi transferido dele para a suposta profetiza, por algum*

método desconhecido que excluiu os meios de comunicação que nos são familiares, ou seja, teremos de inferir que existe algo como a transmissão de pensamentos." (vol.18, pag.225)

A corrente não-lacaniana tornada solidária por uma posição lacaniana avessa a um conhecimento afetivo-empático-identificatório, não apresenta uma unidade. É possível distinguir dentro dela três linhas: a compreensão empática ou é usada como um instrumento de conhecimento propiciador de interpretações mais afinadas com o inconsciente do analisando, ou torna-se um meio facilitador de crescimento, ou é levada até o desempenho deshierarquizante.. Importar-me-ei menos com as diferenças que com as semelhanças; de qualquer forma, ora estarei referido solidariamente às três linhas, ora a uma delas.

O conjunto da produção psicanalítica forneceu-me bases para a formação de minha própria teoria; porém, pensar outras teorias a partir da minha própria seria repeti-la sob vários disfarces. Por isso mesmo socorri-me de disciplinas e autores extra-analíticos na esperança de que uma multidisciplinaridade venha a permitir uma discussão mais ampla e produtiva das questões psicanalíticas.

Todos sabemos que a psicanálise mudou. Entre os vários fatores destas mudanças encontra-se as transformações da subjetividade humana. O paciente que se apresenta hoje para tratamento difere daquele dos fins do século 19 meados do século 20. O olhar do analista também mudou percebendo algo diferente de estrutura neurótica. Estarei certamente cansando o auditório ao dizer que os casos descritos naquela época eram de neuroses estruturadas (histérica, obsessiva, fóbica) enquanto que na atualidade predominam os fronteirios, as personalidades narcísicas, o sofrimento existencial, os quadros poli-sintomáticos. O que estas mudanças têm a ver com a história do homem em seu sentido mais amplo, incluindo sua cultura e suas instituições? Invocarei Foucault e Deleuze em suas análises sobre o poder nas sociedades industrial e pós-industrial articulando-as com as correntes psicanalíticas referidas.

Segundo Foucault surge no século 19, em substituição ao poder monárquico, o poder disciplinar produtor do "indivíduo". A figuração arquitetônica deste poder disciplinar é o panóptico carcerário. Ao se exercer o binômio vigilância-punição sobre o corpo e o espírito de um ser humano, incitando-o a seguir um modelo, criam-se os processos de individualização. É neste contexto que surge a psicanálise que ao desdobrar sua teoria fala-nos de um superego vigilante e punitivo, prescritivo e proscritivo, incitando o ego a se estruturar segundo um ego ideal, e um ideal de ego. A idéia de ego bem estruturado é um prolongamento do ideal de pessoa bem estruturada pertencente ao imaginário social do século 19 que se estende até meados do século 20. Esperava-se das pessoas uma integridade, uma continuidade, uma coerência, uma disciplina que as tornassem absolutamente confiáveis, membros sadios de uma comunidade sadia voltados para um mesmo objetivo e dirigidos por uma mesma ideologia. A este indivíduo estruturado correspondem as neuroses estruturadas. O modelo da estruturação dominava o campo social de tal maneira que tanto o comportamento do paciente quanto o olhar do analista estavam por ele moldados. Usando a concepção de indivíduo introduzida por Foucault chamarei ao homem de ego bem estruturado, isto é, àquele que responde a um modelo social disciplinar veiculado pelo superego, de homem-individual; a hipérbole deste homem é o neurótico clássico - um paciente que tanto se apresenta como é apreendido como estruturado.

Havia portanto um modelo estruturador a ser seguido, modelo este que em psicanálise apresenta-se na figura do superego. O superego é fundamentalmente resultado da identificação do menino com o masculino social (superego do pai), e recalque do feminino. O poder disciplinar impõe ao homem uma repressão do feminino, desvalorizando este feminino, restringindo-o às mulheres e assim desvalorizando-as também. Tentava-se manter este feminino desvalorizado em

um gueto, isolando-o da cultura masculina; mas a partir deste gueto o feminino exercia sua pressão.

Embora a sociedade disciplinar isole o feminino, retirando-o das linhas de força positivadas pelo modelo, não o descaracteriza, não o nega nem controla. Já a sociedade pós-industrial permite que o feminino e outras forças marginais saiam de seus guetos pois agora conta com um novo e mais sutil instrumento de poder: o controle.

Para Deleuze estamos vivendo o advento da sociedade de controle. Enquanto a disciplina opera por vigilância e punição, o controle opera por regramento de fluxos. O modelo deste novo tipo de poder é a informática e o marketing. O poder tenta modular os movimentos livres. Os desviantes e marginais até então habitantes dos bastidores podem agora se manifestar. O modelo da estruturação diminui de importância no imaginário social - não mais se espera coerência nos homens e organização nas neuroses. Começa-se a falar de singularidades, múltiplas tendências que impelem o homem para desconhecidas direções; o imaginário social despe o homem de seu código de honra aceitando uma instabilidade incompatível com o ideal de personalidade ou caráter bem estruturado; similarmente, as neuroses já não se apresentam estruturadas; os fóbicos, histéricos, obsessivos cedem cada vez mais espaço para os borderlines, os psicossomáticos, para os quadros narcísicos. As singularidades pré-individuais até então recalcadas e reprimidas, tornam-se socialmente e pessoalmente visíveis, manifestando-se com maior liberdade no homem e na sociedade. Diante desta situação o poder busca novos meios de lidar com o que pode ser denominado de homem singular e grupo singular, aqueles homens e grupos que não se conformam ao código estabelecido, criando sua maneira original de viver e de pensar. Uma analogia imperfeita porém esclarecedora da sutileza operativa deste poder está nos esportes modernos; no surf, windsurf, asa delta o desportista aproveita as forças, os movimentos já existentes, codificando-os e usando-os para seu objetivo. Digo que o exemplo é imperfeito porque nestes esportes existe uma codificação apenas pragmática dos fluxos e não uma sobre-codificação aprisionadora, uma espécie de neoburocracia teórica e institucional que captura e direciona o pensamento e a experiência livres. Segundo Deleuze não é porém a sobre-codificação a forma de controle mais eficaz que a atualidade vem estabelecendo. Esta se caracteriza mais por aquilo que poderíamos chamar de "liberdade controlada". Pessoas e grupos são livres mas o poder os acompanha pari-passu direcionando seus fluxos no sentido de seu interesse. Um exemplo extremo seria o dos psicóticos não enclausurados em um hospital psiquiátrico mas assistidos por um "acompanhante terapêutico".

O Édipo freudiano é um testemunho da sociedade disciplinar. O Édipo lacaniano encontra-se na transição sociedade disciplinar-sociedade de controle. Um cotejamento de duas citações, uma freudiana e outra lacaniana servirá para nos esclarecer a respeito. Freud: *"A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal"* ("A dissolução do complexo de Édipo", vol.19, pag.221). A catexia libidinal que liga o filho à mãe está proibida de retornar mas permanece viva e atuante nos porões da mente e da cultura. Podemos fazer um símile com os titãs que enterrados sob as montanhas as fazem tremer periodicamente, pois sua força não está anulada, não está controlada - está reprimida, isolada, guetificada. Vejamos agora a colocação de Lacan: *"Todo esto invita a reconsiderar la función del padre que está en el centro de la cuestión de Édipo....Distinguiremos tres tiempos. Primer tiempo: la metáfora paterna actúa en sí por cuanto la primacia del falo es instaurada en el orden de la cultura....En este primer tiempo el niño trata de identificarse con lo que es el objeto del deseo de la madre y no solamente de su contacto, de sus cuidados; pero hay en la madre el*

deseo de algo más que la satisfacción del deseo del niño; por detrás de ella se perfilan todo ese orden simbólico, el falo". (Lacan- Las formaciones del inconsciente. E.Nueva Visión, Buenos Aires, 1979, pag.86). Enquanto Freud testemunha um patriarcalismo que abafa e desvaloriza os modos femininos de conhecimento e relação, sem porém estabelecer um controle sobre eles, Lacan coloca-se em outra posição: o objeto de desejo da mãe não seria o bebê mas a ordem simbólica. Desta maneira os impulsos e movimentos maternos (cuidar do bebê, colocá-lo ao colo, amamentá-lo, fundir-se, afastar-se, manifestar amor, raiva, contrariedade, fastio, aversão, desgosto, responder às suas solicitações, evitar seu sofrimento) não mais seriam livres, não teriam mais a força impositiva de um impulso primitivo mas estariam sobrecodificados, capturados, aprisionados, acompanhados, controlados pelo falo - significante dos significantes - pelo código simbólico, pelo masculino. Os titãs podem agora vir à superfície pois sua força está dirigida, canalizada, controlada pelos deuses: não mais assustam. Os movimentos feminino-maternos controlados e direcionados pelas linhas do modelo-código masculino não mais atemorizam. O asadeltista não mais teme o vento, uma força livre que ele capturou através de uma codificação. A captura da comunicação-relação feminino-materna pelo código masculino tornar-se-á mais evidente se cotejada com o pensamento de Winnicott: este autor considera que a relação mãe-bebê será por algum tempo psicótica, desvinculada dos aspectos propriamente sociais e culturais; mãe e bebê estarão em uma "folie a deux", num mundo próprio por eles mesmos criado, protegidos por uma continência realizada por alguém outro - geralmente o pai ou a família - continência que protege a díada da interferência do social.

Ao me referir a Freud e Lacan no parágrafo anterior tive de realizar uma esquematização, uma simplificação pela base. Freud, aberto ao novo, buscando corajosamente a verdade do auto-conhecimento, preocupado com as injustiças sociais assim como Lacan atento às tendências do pensamento francês e universal, procurando se manter como centro irradiador de cultura contemporâneo-renovadora, buscam e encontram linhas de fuga para o sistema masculino fálico-castrado. Freud através do genital tenta ultrapassar a dicotomia, mas não é aí que ele o consegue pois a fase genital ainda referenda a supremacia dos modos masculinos de relação, conhecimento e comunicação. Já vimos, porém que ele consegue abrir brechas no modelo masculino quando fala, entre outras coisas, de comunicação de inconsciente a inconsciente, deflagrando um movimento que desemboca em várias noções de linhagem feminina: empatia, disponibilidade para a identificação, reverie, preocupação materna primária, espaço transicional, devoção, etc. Lacan também tenta ambigualmente, ambivalentemente, escapar ao fálico-castrado, cuja outra manifestação é a dicotomia código-falta(Baudrillard) e acompanhando o espírito da época elocubra sobre o real, reconsidera o estatuto do Grande Outro tornando-o barrado, pensa a pulsão de morte, introduz o objeto "a" causa de desejo. Este objeto "a" nos interessa particularmente pois é como o feminino se manifesta na clínica lacaniana; o analista colocado na posição de objeto causa de desejo remete-nos a um feminino misterioso, um feminino excitante que nunca se deixa capturar e por isso mesmo gerador de um movimento incessante na análise; ao mesmo tempo mantém uma distância, facilitadora de idealizações, o que põe em xeque a concepção teórica do analista como resto-rebotinho. Não é o mesmo feminino da corrente não-lacaniana; este outro, suplemento do anterior, é um feminino maternal, acolhedor, doador, continente, amoroso, capaz de empatizar, de estabelecer identificações homólogas e complementares, um feminino que se deixa alcançar realizando fusões e simbioses, vivendo separações e individuações, experienciando uma variada gama de sentimentos fortes e sutis, que passam pelo amor, raiva, medo, inveja, ciúme, um feminino que se une ao paciente

possibilitando crescimento, permitindo experiências básicas não vivenciadas na época própria, colmatando lacunas, desfazendo excessos.

Maternal é uma palavra estigmatizada em psicanálise. Lembra "passar a mão na cabeça", pieguice, sentimentalismo. Podemos pensar que esta fachada é persistentemente evocada pelos analistas "anti-maternais" pelo temor ao poder intrusivo e devorador da mãe. Realmente, quem garante que a mãe-analista usará o seu poder em favor do filho? E, no entanto, se o analisando não corre este risco, (e ele o teme devido às suas fantasias arcaicas) não poderá usufruir dos benefícios de uma relação que poderá chegar às bases de seu devir-pessoa. Para além da fachada desvalorizativa, maternal significa o uso dos meios femininos de comunicação, relação e conhecimento - a empatia, a identificação homóloga e complementar, a simbiose, etc. Pode-se então ampliar o mundo que nos é apresentado pelos sentidos e pela razão, pela representação e pela palavra, vivendo intensidades, experimentando uma ampla e sutil gama de afetos, mergulhando em fantasias ainda não verbalizadas. É o mundo das singularidades, do aprendizado das trocas afetivas, do exercício da sensibilidade somato-psíquica e dos afetos sutis que fazem parte de um pensamento e conhecimento holísticos, é onde se plantam os alicerces da confiança e segurança básicas, os cimentos da criatividade e espontaneidade que sempre poderão respirar e palpitar mesmo quando soterradas por montanhas de regras, leis e teorias. A função materna tem a ver com a singularidade aqui entendida como princípio de atividade e como possibilidade de expressão e expansão de forças em devenir.

Este feminino-maternal permite, no campo psicanalítico a ultrapassagem da dicotomia sujeito/objeto, observador/observado, pensamento/ação, possibilitando um estado de comunhão e de integração. Sua função holística faz-nos reconhecer sua pertencencia ao movimento ecológico que, diante da situação catastrófica dos vários meios-ambientes (físico, social, mental) busca a superação das dicotomias.

O progresso da sociedade ocidental está inextricavelmente ligado a um pensamento que valoriza a compartimentização, a racionalidade defantasmaticizante, as dicotomias. Durante muitos séculos os benefícios advindos deste pensamento foram de tal monta que o preço em sofrimento e destruição que a humanidade pagava parecia valer a pena. Hoje, a ameaça de aniquilamento que pesa sobre o homem em consequência desta mesma visão de mundo propiciadora dos avanços de nossa sociedade exige uma mudança de mentalidade; a reversão do platonismo, a superação das dicotomias estão entre as transformações necessárias. A distância homem-mundo, sujeito-objeto, distância esta que cria um hiato, um vazio, uma falta entre os dois termos da dicotomia, necessita ser superada e reposicionada. Este é um trabalho demorado e penoso de subjetivação pois de tal maneira o pensamento dicotômico-faltoso imperou produtivamente durante séculos no universo ocidental que terminou por se entranhar no cerne mesmo da idéia de homem; a dicotomia e a falta passaram a ser vistas como inerentes à própria condição humana. Só com muita dificuldade damos conta de que dicotomia-falta, é uma formação subjetiva datada.

Falta é uma palavra onipresente na psicanálise de hoje. Tem porém significados diversos. Para a corrente lacaniana a **falta** é parte inerente da constituição do homem seja pelo "assassínio da coisa" ao advir o símbolo (Escritos, pag.184), seja pela alienação do sujeito no Outro. Citações: *"Assim o símbolo se manifesta primeiro como assassinio da coisa, e essa morte constitui no sujeito a eternização do seu desejo".* (Escritos, pag. 184). *"É preciso supor nele (no homem) uma certa hiância biológica, aquela que tento definir quando lhes falo do estádio do espelho. A captação total do desejo, da atenção, já pressupõe a falta. A falta já está aí quando falo do desejo do sujeito humano no que se refere à sua imagem, quando falo desta relação imaginária*

extremamente geral que se denomina narcisismo."(Seminário 2, pag.402/3). Para Lacan, símbolo, falta e desejo estão entranhadamente ligados e impelem o homem a produzir sempre e cada vez mais. As infindas máscaras das identificações imaginárias deverão ser desveladas até que o analisando defronte-se com a falta e a aceite como parte inevitável do viver. A falta assim desmascarada deixará de ser tamponada pelo sintoma, e será o motor de uma produção simbólica.

Para a corrente não-lacanianiana o motor da atividade humana está em um impulso inerente ao viver e que Winnicott chamou de criatividade potencial, criatividade primária, **verdadeiro self** e Kohut de **self nuclear**. Segundo esses autores o impulso para a atividade não depende de um vazio a ser rodeado, mas de um desdobramento do ser. Neste sentido mais primitivo não existiria um vazio, uma falta, um hiato, mas uma potencialidade de desenvolvimento que se faz independentemente da existência ou não de uma falta. A semente de um vegetal pode nos servir de exemplo para esta noção; ela busca o seu desdobramento por uma premência interna; é de sua natureza desenrolar-se em caule, folhas e flores, assim como é do homem expandir-se em seus processos de criação. Enquanto em processo de criação o ser humano sente-se pleno e possuído por uma alegria oceânica. Logo porém surge o obstáculo, a alteridade, o outro, o diferente que oferece resistência à expansão de seu ser. Passa a ter então uma aguda consciência de sua limitação. A plenitude cede seu lugar à incompletude. Correlativa à falta lacanianiana que remete ao código simbólico e à totalidade paranóica, a incompletude tem seu horizonte na relação afetiva. É nessa perspectiva que se pode viver uma solidão sem abandono. Plenitude e incompletude fazem parte de um devir permanente que nunca se coagula em uma única posição.

Quando, na função auto-nomeada de porta-voz da corrente não-lacanianiana falo de falta, não me refiro nem a uma falta filosófica, nem a uma falta biológica, nem ao sentimento de incompletude que surge no processo de separação-individação. Enquanto Lacan nos fala de uma falta estrutural, biológica e/ou filosófica, eu distingo falta de incompletude, reservando a palavra falta a um pensamento/sentimento que decorre de uma relação afetivo-empático-identificatória excessivamente problemática com os genitores e mais especialmente com a função-mãe. Em decorrência surgem problemas na área de identificação provocando uma vivência de falta que nos remete a um certo conceito de falta; à idéia de conflito, apanágio das neuroses estruturadas, acrescenta-se a idéia de falta, própria dos borderlines.

O paciente "difícil" fala ao analista ou diretamente ou por aproximações, de sua vivência de falta: ausência de finalidade da vida, futilidade da existência, desorientação, vazio, falta. Outros se distanciam desta vivência através de uma ansiedade estilhaçadora, de uma dispersão, falando compulsivamente, pulando de um assunto para outro, desinteressados de uma resposta verbal do analista; a função desta fala não é comunicar pensamentos mas sim provocar sentimentos e estabelecer modos de relação. Aqui, a vivência de falta, eclipsada pela fragmentação ansiosa é sentida pelo analista. Este percebe a busca de algo que lhes falta, a procura desesperada de um ancoradouro, de um continente, de um anteparo, de uma figura benigna a ser internalizada para acalmar receios de fragmentação, dispersão e aniquilamento.

O aumento do contingente de analisandos "faltosos" pode ser compreendido dentro de um contexto histórico.

Na modalidade disciplinar a família apresentava-se sólida, estável e com papéis bem definidos. A mãe cuidava do lar e tinha condições de fornecer à criança uma atenção constante e cuidadosa; o pai era a autoridade incontestada do grupo familiar, portador das regras e leis da cultura, respeitado, reverenciado e a quem se devia obediência. Esta situação foi se modificando. Em nossa civilização pós-industrial a mulher ocupa um lugar no mercado de trabalho sendo

forçada a ele retornar o mais rapidamente possível, diminuindo assim seu período de dedicação ao filho; mesmo o seu tempo de cuidado com o bebê está permeado de preocupações que antes eram assumidas, especialmente neste período, pelo homem. Creches e babás entram rapidamente em cena para liberar a mãe de parte das injunções maternas. O pai perde sua posição não somente por uma diluição do poder pela família como também pela invasão dos poderes técnicos e da moral maciçamente divulgada pela mídia. Questionado pela companheira e pelos filhos o pai deixa de ser o representante da sociedade no seio da família. A atitude reverencial em relação ao pai desaparece. Perdem-se assim sólidas e persistentes referências identificatórias, tanto na relação com o pai quanto na relação com a mãe, daí resultando problemas na área das identificações e da identidade.

Estamos numa sociedade em mudança. As identificações dispersas e diluídas são parte de nosso cotidiano. Um contingente destas pessoas busca o terapeuta em estado de sofrimento, de inquietude; não sabe o que fazer com a "falta". Para o terapeuta que acredita ser o sentimento de falta uma decorrência das experiências históricas da pessoa torna-se importante distinguir quais as identificações em jogo: se as maternas ou as paternas. Vários autores distinguem duas áreas funcionais do psiquismo: uma área edípica ligada à concepção estrutural do psiquismo, às neuroses clássicas, ao modelo social veiculado pelo superego-ideal de ego, e uma outra área que recebe diversos nomes: Winnicott a chama de espaço transicional ou potencial, Balint de falta básica e "primary love", Kohut de zona do self habitada pelo self e pelos objetos-do-self, Melanie Klein fala de mecanismos de defesa primitivos em contraposição a mecanismos de defesa maduros. Eu mesmo, em um artigo anterior distingui dinamismos básicos referidos à função-mãe de dinamismos secundários ligados à função-pai. Todos estes autores priorizam a função-mãe no processo de humanização e afirmam uma insistência, uma perseverança, uma duração funcional através de toda existência destes padrões mentais precocemente adquiridos. No artigo de Félix Guattari "Linguagem, consciência e sociedade" encontro o seguinte trecho: *Nessa mesma via de uma compreensão polifônica e heterogenética da subjetividade encontraremos a vantagem de seus aspectos etológicos e ecológicos serem levado em consideração. Daniel Stern em "The Impersonal World of the Infant", explorou de modo notável as formações subjetivas pré-verbais da criança....ele valoriza o caráter de conjunto transubjetivo das experiências precoces da criança que não dissocia o sentimento de si do sentimento do outro. É uma dialética entre os "afetos partilháveis" e os afetos "não-partilháveis" que estruturam dessa forma a **subjetividade emergente**. Subjetividade em estado nascente que não cessaremos de reencontrar no sonho, no delírio, na exaltação criadora, no sentimento amoroso...*(pag.6).

Uma consequência importante desta concepção que reconhece duas funções, uma maternal e outra paternal, pode ser assim expressa: ao se desmoronarem as identificações referidas ao modelo social, ao superego, à personificação do pai, os padrões mentais adquiridos na relação simbiótica com a função-mãe ganham relevo. As consequências das falhas vivenciais da relação mãe-infans que poderiam passar despercebidas caso persistissem as identificações superegógicas, tornam-se dolorosamente visíveis quando estas se desagregam. A função-mãe ganha uma ainda maior proeminência.

As sociedades matricentradas da aurora da humanidade foram substituídas pelas sociedades patriarcais. A mulher oprimida criou o movimento feminista; este, porém, capturado pelos sistemas de poder, nada mais fez senão reforçar o modo masculino de pensamento. O aspecto do feminino que se tornou aceito pela sociedade masculina é o feminino sexuado, o feminino misterioso, "la femme fatale", um feminino explicitamente assustador; porém não tão terrível

quanto o implicitamente assustador feminino maternal. Deste pouco se fala porquanto nos remete à criança fraca, vulnerável, inerte, que nos habita e que eternamente deseja retornar ao colo da Grande Mãe. O feminino maternal é muito mais perigoso que o feminino sexual pois enquanto o segundo tenta devorar uma pessoa adulta que se pode defender, o primeiro evoca o infante que não teria meios de defesa em relação aos desejos invasores, devoradores, devastadores, colonizadores da Mãe. Mais fácil, pois, aceitar o feminino sexual que o feminino maternal. Tornou-se porém necessário trabalhar com instrumentos feminino-maternos de conhecimento, relação e comunicação sob pena de não sairmos dos impasses de nossa civilização. Um feminino a ser desenvolvido tanto no homem quanto na mulher. Reabilitar o feminino, e mais especialmente o feminino-maternal representa a possibilidade de darmos mais um giro na voluta da história, afastando-nos dos perigos resultantes dos desequilíbrios ecológicos. Isto não significa que as aquisições do pensamento masculino e o próprio pensamento masculino devam ser abandonados. Pensamento masculino e feminino deverão conviver harmoniosamente possuindo cada um o seu espaço, o seu momento. Haverá ocasiões próprias para uma separação sujeito/objeto, homem/mundo e outras em que esta dicotomia será inoportuna. O comportamento interpretativo, a postura enigmática de intenção interpretativa, a postura simbiote/comportamento covivencial, todas têm, neste momento da história, o seu lugar. Possivelmente estamos descobrindo uma outra postura terapêutica onde masculino e feminino se interpenetram. Mas isto já seria matéria para um novo trabalho.

Nahman Armony

set./91